



RITA, Anabella. Em português *Bloomsday*. In: *Revista Épicas*. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-7. ISSN 2527-080-X.

“EM PORTUGUÊS *BLOOMSDAY*”

“IN PORTUGUESE *BLOOMSDAY*”

Annabela Rita
(FLUL-CLEPUL)

RESUMO: Através de Gonçalo M. Tavares, em *Viagem à Índia* (2010), este texto pretende observar uma das estratégias da modernidade estética: inovar a partir de convocação dos textos mais *canónicos*, neste caso, modelares da estética e da cultura ocidentais e portuguesas, reelaborando-lhes a tópica, a(s) personagem(ns), a(s) referência(s) e a(s) fábula(s), numa permanente interpelação da nossa memória colectiva.

Palavras-chave: Cânone; Gonçalo M. Tavares; *Viagem à Índia*.

Abstract: Through Gonçalo M. Tavares’s *Trip to India* (2010), this text intends to observe one of the strategies of aesthetic modernity: to innovate by summoning the most canonical texts, in this case, models of Western and Portuguese aesthetics and culture, reworking the topic, the reference(s) and the fable(s), in a permanent interpellation of our collective memory.

Keywords: Canon; Gonçalo M. Tavares; *Viagem à Índia*.

No domínio do Cânone, estamos na vertigem das suas (re)configurações desde a sua origem: constituindo-se na formação do ensino da Antiguidade Clássica (sécs. V-IV a.C.) numa dupla caminhada depuradora, quer no sentido da *fixação* da oralidade dos aedos e rapsodos, quer no da *ordenação* e *selecção* das partes, oscilando entre a perspectiva *prescritiva*, autoritária, e a *descritiva*, atenta à recepção, oscilações que o ensino e as artes viverão.

Daí a *lista* de textos considerados obras-primas, textos mais marcantes, representativos... os nossos *clássicos*, os que lemos e releemos (Italo Calvino), espécie de

“enciclopédia tribal” (Havelock) ou do “livro de cultura” (Lotman) de tempos idos já para os que os elegeram, ficção das origens, origens da ficção de *si* em versão fixada, obras *canonizadas* segundo as leis de *sobrevivência* que continuam atuantes...

Esses *clássicos* são os que se impõem como “presenças reais” (Steiner) ao olhar metamórfico do leitor, ao sabor das oscilações das sensibilidades epocais e dos paradigmas culturais e estéticos¹. Daí a função *modelizante* da sua leitura (Italo Calvino, Harold Bloom, George Steiner, etc.)² também na criação e na inovação.

Harold Bloom, considerando que “Cânone significava originalmente a escolha de livros nas nossas instituições de ensino [...]”³, propõe uma lista de 1524 obras distribuídas pelo tempo e pelo espaço que complementarará com uma espécie de anatomia do génio (*Génio*, 2002), através de um mosaico ou galáxia cabalística de 100 autores e outras obras⁴ escolhidas por confessada ‘paixão’. E são esses 10 atributos cabalisticamente concebidos que, apesar de exemplificados, abrem a lista de Bloom ao infinito das possibilidades, libertando-a das contingências do gosto e das sensibilidades; ou seja, da representatividade de programas estéticos, alçando-a a um *além* que os transcende, *atopizando-os* e *acronizando-os*...

O final do milénio e do século evocou as sombras das profecias, o sentimento apocalíptico, a névoa prospectiva, as fábulas...

Ao fundo, envoltos em bruma, percebem-se as “presenças reais” (Steiner) das ‘enciclopédias’ de outrora. Na Grécia: a *Teogonia* (gr.: *Θεογονία* [*theos*, deus + *gonia*, nascimento]) (séc. VIII a. C.), com a *Genealogia dos Deuses*, representa a história do mundo desde o seu início, passando por sucessivas gerações de deuses até ao seu envolvimento com os homens, dando origem aos heróis. Mundo cristão: a *Bíblia*, com a história do mundo e dos homens desde a criação à expulsão do Éden, desde as profecias à sua (in)concretização, passando pelas sucessivas Alianças. No mundo romano: as *Metamorfoses* (séc. VIII), de Ovídio, com uma história do mundo em mutação desde as origens até ao tempo de escrita, representando os reinos divino, humano, animal, vegetal e mineral em fusão, hibridismo e metamorfose através dos elementos naturais (ar, terra, água, fogo) e dos géneros.

Qualquer dessas Histórias é, afinal, a de uma difícil sobrevivência do homem, portanto, épica. Qualquer delas revela o humano oscilante entre *eros* e *thanatos*, arena de pulsões de vida

¹ Cf. alguma síntese dessa diversidade conceptual por Fabio Mario da Silva no seu doutoramento recente **Cânone Literário e Estereótipos Femininos** [versão original entregue e defendida], Évora, Universidade de Évora, 2013.

² Recordo o que sobre isso dizem Harold Bloom (**A Angústia da Influência: uma Teoria da Poesia**, Lisboa: Livros, Cotovia, 1991; **Como ler e porquê**, Lisboa, Caminho, 2001), Ítalo Calvino (**Porquê Ler os Clássicos?**, Lisboa: Teorema, 1994) e outros.

³ BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, p. 27.

⁴ Cf. entrevista: <https://ionline.sapo.pt/384747>

e de morte, protagonista de uma caminhada colectiva onde as individuais se inscrevem, se subsumem e se dissolvem tragicamente.

No ciclo do *desencantamento do mundo* (Max Weber, Marcel Gauchet) que vivemos, apenas a Arte parece evocar o *fogo sagrado* de prometaica memória que os homens crêem perdido: a *épica*. De *fábula(s)* feita. Central e arquetípica no *cânone ocidental* e no português, nuclear na mitologia da nossa identidade, constitutiva da *comunidade imaginária* que somos e em cujo *labirinto*⁵ nos perdemos sem remissão...

No *outroragora* da letra literária, Gonçalo M. Tavares (GMT), *oficia* a metamorfose do cânone em *notturmo* onde a *alba*⁶ se insinua⁷. E a *épica* é o lugar desse *encontro* entre o sujeito e a comunidade em visitação da memória colectiva cristalizada na linhagem de representações onde *se metamorfoseiam* cânone, sociedade e aliança comunitária⁸ deslizando para a esfera assumidamente estética em mudança de paradigmas.

A *épica*, originalmente gerada no “peito mortal, que tanto [...] ama”⁹, portanto, inscrita numa topografia de afectos, *lírica*, de quem, “eu que falo, humilde, baxo e rudo” (C. X, est. 154, v. 1), invoca Calíope, pedindo-lhe que “Me tornes do que escrevo” (C. X, estr. 8, v. 7) enquanto *declina com o dia* (“Vão os anos descendo, e já do Estio/ Há pouco que passar até o Outono” (C. X, est. 9, vs. 1-2)) e sente ficar-lhe a “voz enrouquecida” (C. X, estr. 145, v. 2)... *homem no teatro do mundo*¹⁰, *na multidão*¹¹, *Ulisses-Ulisseum-Olissipo*, em sucessivas reconfigurações... dela partindo e a ela regressando (Vasco da Gama, o viajante das *Viagens da Minha Terra*, etc.) ou percorrendo-a, errando das *dez horas da manhã* às *horas mortas* (Cesário) em busca do éden nacional perdido (Garrett), de um livro (Cesário), de uma mulher (GMT), mas também fugindo de si (como Paulo Vaz e John Bloom), à semelhança de Édipo (que quis evitar a maldição do parricídio) ou de Ulisses (também se quisesse evitar o fado de ser morto por Telégono, filho dos seus amores com Circe), com *náusea* (Sartre)...

⁵ As imagens sinalizam títulos de obras implicadas na minha reflexão: *Sunset Boulevard* (1950), de Billy Wilder; *Facto/Fado* (1986), de João Pedro Grabato Dias / António Quadros; *Désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion* (1985), de Marcel Gauchet; *A Decadência do Ocidente* (1918), de Oswald Spengler; *O Cânone Ocidental* (1994), de Harold Bloom, com os complementares *A Angústia da Influência* (1973); *Genius: A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds* (2003); *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português* (1978), de Eduardo Lourenço.

⁶ Maria Velho da Costa. *Lucialima* (1983) e *Missa in Albis* (1988).

⁷ Autores merecidamente distinguidos com alguns prémios cujos júris tive o prazer de integrar e que reúno neste texto.

⁸ Cf. ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Lisboa: Edições 70, 2005.

⁹ Camões. *Os Lusíadas*, Canto III, est. 1, v. 4.

¹⁰ Esta relação surge significativamente consagrada em títulos em obras como *Teatro do mundo* (1958), de António Gedeão, onde o sujeito afirma a sua individualidade e solidão: “Fala do homem nascido” (1957) ou “Poema do homem só” (1956). Homem *Sem tecto entre ruínas* (Abelaira, 1979), na expressão finissecular e memorialística de Raúl Brandão extensiva à sua geração...

¹¹ V. Conto de 1840, de Edgar Allan Poe...

Das coordenadas

GMT vai elaborando e cumprindo um autêntico labirinto de vias múltiplas, cada uma abrindo para outro, cada um com a sua lógica e tópica.

Nesse tabuleiro de múltiplos planos e de instável e fluida arquitectura, onde tudo tem diferentes valências segundo o percurso que nos levar até ele, GMT configura “O Bairro”¹², labirinto-síntese onde evoca uma série de poéticas de outros autores relativamente aos quais se afirma, inscrevendo as suas: cada figura é proposta *desconstrucionistamente*. A tópica de imagens mortas é matéria que revitaliza pelo modo como *no-la vai fazendo perspectivar de outros modos*: do estranhamento dessa tópica banalizada à efabulação da(s) sua(s) consequencialidade(s), evoca procedimentos da surrealista *Apenas uma narrativa* (1942), de António Pedro.

Acresce que GMT se inscreve na genealogia épica, reelaborando a sua linhagem em reconfiguração. Revisita a ensombrada *Jerusalém*¹³, evocando a *frase cristã* em ponto de fuga, a fascinante Odisseia, evocando outra *frase épica* do mundo antigo, e, por fim, a *frase magna* da literatura nacional: *Os Lusíadas* (1572), de Camões, brilhando contra o *lamento* em fundo (*Peregrinação*, escr. 1570-78, *História Trágico-Marítima*, 1735-36, sobre factos de 1552-1602). Fábulas sobre fábulas, sobre fábulas....

Viagem à Índia (2010)

Mas pese embora a importância dada à cultura

nesta cidade, o céu continua intelectualmente

neutro. E por vezes chove.

(2010, p. 102)

A irreverência lúdica faz o definido mitificador d’*Os Lusíadas* (1572) e d’*a* viagem de Vasco da Gama ceder ao indefinido banalizador: *Uma Viagem à Índia*. Procedimento de sentido contrário ao que conduz d’ “*um bairro moderno*” cesárico a “O Bairro” de GMT, série de ficções-*divertissements*.

Dois parecem ser os lençóis de água confluentes sob os quais se refracta esse texto modelar do cânone ocidental que é a *Odisseia* de Homero, ambos míticos: o literário, de Homero a James Joyce, que Camões *nacionaliza*; o ensaístico, sobre o Cânone Ocidental, de Harold Bloom, George Steiner, Ítalo Calvino, etc..

O primeiro dos rios é o do *labirinto da saudade* (Eduardo Lourenço) e do *saudosismo* (Teixeira de Pascoaes) que a literatura portuguesa tematiza desde as suas origens na lírica

¹² Os habitantes d’“O Bairro” (esboçado em lúdico desenho) justificam, na sua vizinhança, a colecção de obras em que se questiona o conhecimento comum e a existência: *O Senhor Valéry*, *O Senhor Juarroz*, *O Senhor Walser*, *O Senhor Henri* (Michaux), *O Senhor Calvino*, *O Senhor Brecht*, etc..

¹³ **Jerusalém**. Lisboa: Caminho, 2005. Prémio Ler/Millennium BCP - 2004 (original) e Prémio Saramago 2005.

galaico-portuguesa (João Roiz de Castelo-Branco) e na novelística (Bernardim Ribeiro), marcando o canto identitário do *fado*...

O segundo dos rios é o *labirinto da paródia* que manipula os fantasmas dos nossos *museus imaginários* e de que destacarei apenas *As Quybyrycas* (1972), poema ético em oitavas de um Luís Vaz de Camões em que se ocultava Frey Ioannes Garabatus, segundo ficção das origens elaborada por Jorge de Sena no quarto centenário do épico, mas, de facto, de António Quadros, autor de outras paródias (como João Pedro Grabato Dias, pseudónimo onde aquele se camufla), incluindo bíblicas¹⁴.

Bloom é, na confluência desses vectores imaginários, *viajante de ficção ensaisticamente elaborada sobre a ficção e a cultura ocidental*. Evoca Harold Bloom, e é tomado a Joyce (*Bloomsday*, 16 de Junho de 1904), na vida de Leopold Bloom e Stephen Dedalus, é também versão do velho Édipo parricida e do nosso Fernão Mendes Pinto. Na sua biografia, inscrevem-se as insígnias da tragédia de Pedro e Inês (travestida em Mary assassinada pelo pai do amado-amante), e visita, no seu regresso, a Ilha dos Amores camoniana, onde as ninfas de outrora, vertidas em modernas e decaídas *Olímpias*, com ele e com os seus companheiros se deitam em *relva* sem *almoços* impressionistas...

Bloom “não parte [...] feliz”¹⁵, devido à dupla tragédia (o assassinato da amada pelo pai e o subsequente parricídio) exigindo “esquecer duas vezes” (p. 192), iniciando uma viagem de picarescas peripécias que o conduz ao diálogo com o parisiense Jean M. e, depois, com Anish, nos quais suspeitamos as sombras deformadas de nobriano Georges (“Lusitânia no Bairro Latino”) e do rei de Melinde (*Os Lusíadas*). E tudo se desenrola sob o signo de emblema inicial sintetizado em parábolas interrogadas (“uma parábola?”; p. 33).

O velho *canto* da “tuba canora e belicosa” consagrando “valor mais alto” que os precedentes (Camões) volve-se moderna *fala*, que começa por excluir (“Não falaremos...”) antes de anunciar (“Falaremos da...”), numa cartografia desenhando o litoral do velho mapa e dotando-lhe as terras de outras gentes com (dis)semelhantes *histórias*¹⁶, re-virando-o ou re-descrevendo-o diferentemente....

UVI é anti-epopeia (?) de *outra matéria*, matéria “a perder qualidades” (p. 241):

Falamos do mar, mas talvez
seja a terra e o céu que exigem ser descritos.
Bloom, Bloom, Blomm. (p. 35)

¹⁴ *40 e Tal Sonetos de Amor e Circunstância e Uma Canção Desesperada*, 1970, *A Arca - Ode Didáctica na Primeira Pessoa e Meditação*, 21 *Laurentinas e Dois Fabulários Falhados*, de 1971.

¹⁵ GMT. *Uma Viagem à Índia*, p. 33. Por comodidade, passaremos a referir esta obra como *UVI*, localizando as citações no corpo do texto.

¹⁶ “Mas atentemos nesta outra história (uma parábola?).” (*UVI*, p. 33). Pois “é evidente que nenhum acontecimento/ começa com letra idêntica a outro” (*UVI*, p. 45).

[...]
Não falaremos então de um povo
que é demasiado e muito.
Falaremos nesta epopeia apenas de um homem: Bloom.
[...]
Bloom, o nosso herói. Eis o que faz primeiro: observa. (p. 44)

E Bloom *observa*, desmi(s)tificando a mundividência tradicional, dominada pela racionalidade, estruturante, o *logos* de uma cultura ocidental que, através dela, se passou a identificar *moderna*. Por um lado, demonstra que os conceitos não são neutros (“O espaço depende dos cálculos algébricos, sim,/mas também do modo como dentro dele se olha para fora.”, p. 170), por outro, desmonta a evidência e a lógica do senso comum (“O problema dos dias é também este: qual é a parte de cima / de um dia, qual é a sua parte de baixo, / se tudo se assemelha e repete?”, p. 172).

A História “perd[e] qualidades” (p. 241), como os seus protagonistas (*homens sem qualidades*, versões nacionais de Ulrich¹⁷) e as suas cenas, quando contada àquele que a representa e que dela “tra[z] mercadorias mentais de toda a Europa” (p. 313) pela alteridade cultural (“um velho sensato” do outro lado do mundo), que tudo radica noutra paradigma interpretativo, *à rebours*.

Na boca do velho contador de histórias, Portugal *outra-se* para Bloom e, através dele, para a e na Literatura Portuguesa: desde a sua fundação, passando pelos 12 de Inglaterra que defendem “prostitutas competentes” (p. 263) ou pelo encontro com as ex-ninfas em ilha de duvidosos amores... *retrato de um país enquanto outro*¹⁸!

Afinal,
E os homens contemporâneos já não querem saber
de grandes feitos. Um escritor deste século
preocupa-se mil vezes mais
com a procura do adjectivo certo para uma frase minúscula
do que com o facto de pronunciar bem ou mal
o belo nome do rei.
Os nomes antigos têm pois menos importância
que os adjectivos actuais – eis a História
na linguagem. (p. 172)

E

A questão é que um país já nem
se preocupa se fabrica ou não poetas.

¹⁷ Personagem d’*O homem sem qualidades* (1930-33), de Robert Musil, considerado em inquérito de fim-de-século o maior romance da literatura germânica do séc. XX.

¹⁸ *Retrato do Artista enquanto Jovem* (1916), de James Joyce.

E até a própria fábrica não tolera restos:
toda a matéria deverá ser aproveitada,
como uma prostituta hábil aproveita todos os recantos
do seu corpo. [...] (p. 175)

Estamos em 2003
e ainda nada de novo debaixo do sol. (p. 193)

Resta a Bloom apresentar-se com a *(hiper)identidade* que Eduardo Lourenço diagnostica aos seus iguais:
Venho da Europa, sou europeu e português.
Quando levanto os olhos para o céu
levo comigo o que recordo da História. (p. 353)

E, por isso, regressa com a mão da escrita pesada de memória estética também de alhures e “uma bengala” (o “bordão de peregrino” de garrettiana memória que na experiência de *homo viator* conota a sua de Sheerazade), regressando ao ponto onde tudo começara (“Ele aproxima-se da mulher e o mundo prossegue /...”, p. 456).

Afinal, como sempre, atrás do dia, *anoitece* (p. 454)

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BLOOM, Harold. **A Angústia da Influência: uma Teoria da Poesia**. Lisboa: Livros, Cotovia, 1991.
- BLOOM, Harold. **Como ler e porquê**. Lisboa: Caminho, 2001)
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997, p. 27.
- CALVINO, Ítalo. **Porquê Ler os Clássicos?** Lisboa: Teorema, 1994
- SILVA, Fabio Mario da. **Cânone Literário e Estereótipos Femininos**. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora, 2013.